

# IPC da Fipe registra maior deflação desde 99

**Dólar é o principal responsável pela queda de 0,25% na média de preços ao consumidor**

FRANCISCO CARLOS DE ASSIS

**A** variação negativa de 0,25% na média dos preços ao consumidor, na cidade de São Paulo, na primeira quadrissemana de julho – período de 30 dias, encerrado no último dia 7 – é a maior verificada desde a terceira quadrissemana de junho de 1999, quando se verificou uma queda de 0,28%.

Nos dois casos, afirma o coordenador do IPC-Fipe, Heron do Carmo, o comportamento da inflação está relacionado ao movimento do dólar. Em 99, diz, a moeda americana chegou a ser cotada a R\$ 1,80 e, depois, caiu para R\$ 1,40. Agora, depois de atingir R\$ 3,60, caiu para R\$ 2,80. "Quando o dólar sobe, tira parte do poder de compra do consumidor", explica, acrescentando que, com a queda do dólar, a inflação recua e devolve parte do poder aquisitivo das pessoas.

Mas, mesmo com a recuperação de parte do poder aquisitivo do consumidor, a inflação tende a se manter em baixa porque os setores oligopolizados perderam mercado ao reajustar os preços pela alta do dólar. "Esses setores, mais resistentes à queda, estão, agora, trocando a recomposição de margem por uma participação maior no mercado", diz Heron, que prevê aumento da inflação a partir da terceira parcial, por causa dos reajustes das tarifas de telefonia fixa e energia elétrica. Isso fará com que a inflação fechada de julho termine em torno de 0,40%, mas, segundo o coordenador, esta alta sazonal não deverá romper a trajetória de queda da inflação. Em setembro, por exemplo, já livre das pressões das tarifas, o IPC-Fipe deverá

apresentar taxa em torno de 0,30%, ficando em linha com o núcleo desta primeira quadrissemana de julho, de 0,33%.

**Alimentos** – Os preços dos alimentos industrializados deverão entrar no terreno negativo a partir da segunda quadrissemana de julho, prevê Heron. Na primeira coleta de preços da Fipe este mês, o item apresentou variação média de 0,04% (foi de 0,29% no fechamento de junho).

No grupo Despesas Pessoais, apesar de ainda ter apresentado uma variação positiva, os produtos de higiene e beleza mostraram desaceleração no ritmo de alta, de 0,94% em junho para 0,71% na primeira medição de julho. "A tendência é que as marcas líderes voltem a valorizar mais a participação no mercado em detrimento da busca por recomposição de margem", diz Heron, lembrando declarações de outros analistas de

que grandes fabricantes de alimentos, produtos de higiene e beleza e limpeza estariam reduzindo voluntariamente os preços nas negociações com as redes de supermercados.

Esse comportamento, de acordo com o coordenador da Fipe, se reflete no núcleo

**Setores mais resistentes à queda estão trocando recomposição de margem por participação maior no mercado**

**Heron do Carmo,  
coordenador do IPC-Fipe**

dos produtos industrializados, exceto combustíveis, que caiu de 0,24% no fechamento de junho para 0,05%. Para Heron, é provável que este indicador também traga uma deflação na próxima divulgação do IPC-Fipe na semana que vem. A desaceleração apurada nos indicadores de núcleos do IPC-Fipe, de 0,42% para 0,33% (o mais abrangente) e de 0,24% para 0,05% (o industrializado), reforça a tendência de queda dos preços. Prova disso, diz ele, é que os produtos que mais caíram na primeira quadrissemana – gasolina (-3,26%), álcool combustível (-14,53%) e tomate (-25,20%) –, são excluídos dos cálculos dos núcleos de inflação.